



POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL PAUTADA NAS PEDAGOGIAS DA HOSPITALIDADE E DA CONVIVÊNCIA

Débora Simeão Ortman Pereira ¹

Haissa dos Santos Sodré²

Arthur Vianna Ferreira ³

RESUMO

O Brasil, segundo Fleuri (2002), historicamente é constituído como uma sociedade multiétnica e culturalmente híbrida que enfrenta desafios. No plano educativo, há o desafio de desenvolver a disposição para explicar e resolver os conflitos. Dessa forma, a partir das Pedagogias da Hospitalidade e da Convivência, o objetivo deste trabalho de fundamentação teórica, é explicitar a importância e a necessidade de uma Educação Intercultural. Entendendo a Interculturalidade como algo necessário, onde se objetiva não apenas a convivência tolerante, mas também a interação entre ambas, sem que isso represente a perda sobre seu espaço e realidade ou o domínio de uma cultura sobre a outra. A Pedagogia da Hospitalidade (2005) e da Convivência (2008), pautadas em marcos reguladores de respeito em relação à alteridade e as formas de relação com o outro, apresentam um conjunto de práticas necessárias para uma educação Intercultural, promovendo o reconhecimento e a valorização da diversidade, e desenvolvendo a capacidade das interações societárias, onde por meio dessas interações, se reafirmam as identidades e os laços de pertença, através da coexistência no convívio autêntico com os outros.

Palavras-chave: Hospitalidade, Convivência, Interculturalidade, Pedagogia.

INTRODUÇÃO

É impossível falar do Brasil, sem falar sobre sua multiculturalidade. Não apelando para um revisionismo ou romantismo, sobre os fatos históricos ocorridos no século XV, mas é fundamental sinalizar que o processo imigratório ocorrido durante o processo de colonização do Brasil, contribuiu para o processo de formação cultural do País. É importante reafirmar também, que hoje a diversidade multicultural é uma das heranças deixadas e que hoje é constituída como uma das características mais fortes da sociedade Brasileira.

Hoje de acordo com Fleuri (2002), o Brasil é um País historicamente multiétnico e culturalmente híbrido, e isso gera diversos desafios a serem solucionados. Na esfera política, há o desafio de promover a igualdade de direitos e de oportunidades para grupos; na esfera social, há o desafio de favorecer o desenvolvimento autônomo dos sujeitos individuais e dos grupos coletivos visando construir uma relação de solidariedade; e há também o desafio na esfera educacional, que está atrelado ao desenvolvimento da disposição para explicar e resolver

¹ Graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Ortmanffp18@gmail.com;

² Graduada em Letras/Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, haissa_ss@hotmail.com;

³ Doutor em Educação pela PUC-SP, Professor efetivo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Arthuruerjffp@gmail.com



os conflitos presentes nas questões ligadas a culturalidade e convivência. Apesar das inúmeras políticas públicas ou diretrizes educacionais, que trabalhem a respeito das questões culturais nos espaços educativos, se torna fundamental a necessidade de repensar novas práticas que visem objetivos além do reconhecimento multicultural.

Quando falamos sobre o multiculturalismo, falamos sobre o reconhecimento das diferenças culturais e da individualidade de cada um. Nesse aspecto, pontuamos que mais importante que o reconhecimento e a liberdade para essas culturas se manifestarem, é a relação interacional entre estas culturas, para além de uma convivência tolerante e quietista. Candau (2012, p 242), ao trabalhar as diferenciações entre multiculturalismo e interculturalidade, sinaliza que o conceito de Multiculturalismo está aliado a ideia de afirmação de diferentes grupos culturais, enquanto a Interculturalidade aponta para uma inter-relação entre os diversos grupos culturais.

Trata-se de uma Interculturalidade crítica, que através da interação, é capaz de questionar as diferenças e desconstruir as desigualdades postas ao longo da história. Dessa forma, para além dos significados e conceitos, apontamos para a necessidade de uma Educação Intercultural, se o multiculturalismo aponta para a convivência num mesmo espaço social de culturas diferentes sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, a interculturalidade, pressupõe como inevitável a interação entre essas culturas, e dentro disso passa a propor projetos e práticas que contribuam para uma melhor interação e diálogo entre elas, como forma de garantir uma real convivência pacífica democrática.

De acordo com Pereira e Salgueiro (2020), ainda que Xesús Jares e Isabel Baptista nunca tenham dialogado diretamente em suas obras, é notório que suas teorias podem gerar diversas proximidades e reflexões comuns:

Os modelos pedagógicos propostos pelas Pedagogias da Convivência e da Hospitalidade possuem diversos aspectos em acordo, tais como, a defesa de uma convivência democrática e o reconhecimento dos Direitos Humanos como chave para o compromisso ético da educação nos tempos atuais. Dessa forma, demonstraremos a viabilidade desses modelos pedagógicos como práticas possíveis contra a descrença, a desesperança e as mais diversas violências presentes no mundo contemporâneo. (PEREIRA; SALGUEIRO, 2020, p.67)

O ponto de partida, pode ser as temáticas cruciais de ambas Pedagogias. Isabel Baptista (2005), ao falar sobre o processo educativo, reconhece que se trata de um tempo de dificuldades, onde “calhou-nos um tempo difícil, aparentemente privado de convicções ou certezas (...) terrivelmente ameaçado por factores de perturbação, incerteza, insegurança e



imprevisibilidade” (BAPTISTA, 2005, p. 35). Assim, para Baptista, o ato de educar se torna diferente frente a esse contexto, tendo como sua base o dever de realizar uma “missão de alto risco”, na qual a autora chega a chamar de “missão impossível”. Não de maneira muito diferente, Jares (2007), em um de seus últimos livros em vida, enfatiza que a tarefa de educar, que sempre foi complexa, se tornou ainda mais relevante “nos tempos difíceis e incertos que vivemos” (JARES, 2007, p. 11). Apesar das dificuldades presentes na sociedade contemporânea, para ambos autores, as propostas de soluções, estão alinhadas a uma prática educativa que seja propiciadora de esperança e que ajude no processo de formação de cidadãos mais ativos e engajados em fazer a diferença frente às injustiças e violências do tempo presente:

Para isso, ambos modelos pedagógicos têm como foco o relacionar-se com o *outro*; o outro que é dotado de valores e culturas próprias, que deve receber todo o respeito e a abertura ao diálogo e a convivência. Assim, se a Pedagogia da Hospitalidade se estabelece em três bases – estar com o outro, fazer com o outro e ser com o outro –, a Pedagogia da Convivência parte das relações sociais originadas pelos indivíduos nos grupos sociais. (PEREIRA; SALGUEIRO; 2020, p. 68)

Para Jares, todavia, o processo de convivência é regido por um marco regulador de normas e valores. Nesse sentido, não basta apenas o convívio no sentido estrito de “estar ao lado” de outra pessoa, mas, certamente, há a necessidade de uma convivência baseada em normas determinadas, que valham de valores democráticos e humanizadores. É assim que Jares propõe a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) como código universal para a convivência, pois, segundo o autor, esse significa o pacto mais sólido para a convivência democrática, representando o consenso mais abrangente sobre valores, direitos e deveres para viver em comunidade (JARES, 2008, p. 29). Para Baptista, a declaração dos Direitos Humanos, é um acontecimento ético para a humanidade, pois a produção deste documento representa o compromisso em torno de valores que todos reconhecem como fundamentais: o direito à vida, o respeito pela dignidade e liberdade de cada ser e a recusa de práticas de discriminação e violência (2005, p. 41).

Dessa forma, a *Pedagogia da Convivência* e a *Pedagogia da Hospitalidade*, ao assumirem uma posição dialógica com os direitos humanos, se tornam ferramentas potencializadoras para a construção de uma Educação intercultural, que vise o dialogo e uma convivência democrática, que rejeite qualquer violência presente no mundo contemporâneo, buscando a dignidade inerente a *todo* ser humano, em oposição a toda desigualdade de gênero, classe, raça, etc. Ainda que a Pedagogia da Convivência e a Pedagogia da Hospitalidade possam estabelecer diversos encontros no meio de seus caminhos, seus modelos de convivência



possuem importantes diferenças, sobretudo em seus pressupostos iniciais. Para a Jares (2008), o modelo de uma convivência democrática, é pautada no Estado de Direito assentado na justiça social, além do cumprimento de todos os Direitos Humanos de maneira universal. Já na Pedagogia da Hospitalidade, de acordo com Baptista (2005), a convivência está pautada em uma crença positiva sobre a alteridade, na relação entre o “eu” e o “outro”:

A forma que equacionamos a relação com os outros depende muito da concepção de “outro” que tivermos em referência. O outro é uma ameaça, um inimigo em potencial, alguém que simplesmente toleramos, ou pelo contrário, é alguém que só por efeito da sua entrada na esfera da nossa mesmidade, representa uma mais-valia, uma ocasião de enriquecimento pessoal? (BAPTISTA, 2005, p. 45).

Se ambas Pedagogias se apresentam como ferramentas potencializadoras, para o processo interacional nas relações culturais, isso não significa que há uma apelação utópica sobre a inexistência dos possíveis conflitos que as relações podem gerar.

Em suma, seria impossível pensarmos em convivência com o outro, em abertura com o diferente, sem pensar na existência de conflitos. A maneira como esse é percebido e tratado, no entanto, é o que faz a maior diferença: o *conflito*, além de inerente a convivência, pode ser uma forma de potencializar o desenvolvimento humano e suas relações sociais se mediado da maneira correta. (PEREIRA; SALGUEIRO, 2020, p.71)

Dentro do ponto de vista de Mendel (1974, p. 13 apud JARES, 2008, p. 134), o *conflito* é o estado natural do homem e, a diante disso, Jares traz uma reformulação sobre a perspectiva tradicional do mesmo, onde, agora, visa-se não eliminá-lo, mas sim proporcionar uma regulação e resolução sobre o mesmo de uma forma justa e não violenta. Sendo o *conflito* algo inevitável, Jares mostra possibilidades de fazer das relações de conflitos meios de buscar uma Educação para Paz:

Ao falar de *paz*, Jares (2008, p. 132) evidencia que essa trata de negar a violência, mas não os conflitos, já que esses fazem parte da vida. A PC, ao trazer essa perspectiva positiva do *conflito*, se apresenta como uma forma político-pedagógica, onde, alicerçada nos Direitos Humanos, torna as causas, os protagonistas e os processos de cada conflito, aliados na busca de um convívio democrático. (PEREIRA, SALGUEIRO, 2020, p.72)

Se a Pedagogia da Convivência faz do *conflito* um caminho possível para a convivência democrática, a Pedagogia da Hospitalidade ao falar sobre a convivência assume que a mesma não é indolor e que a abertura ao outro pode resultar inúmeras sensações distintas. Como



Baptista (2005) afirma, o processo de convivência é gerador de diversos sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Porém, a educadora evidencia que, embora a prática de abertura possa resultar desassossego e risco, tal medo pode explicar uma vulnerabilidade, mas nunca um ato de violência.

De maneira geral, entre os encontros e desencontros de ambas Pedagogias, é notório que por mais que os caminhos metodológicos sejam diferentes, as Pedagogias da Hospitalidade e da Convivência, através dos seus conjuntos de ética e normas, se apresentam como ferramentas pedagógicas potentes, que podem contribuir para a formação e construção de uma Educação Intercultural. As formas de convivência e interação com outro, pautadas nos Direitos Humanos e na crença positiva da alteridade, ao mesmo tempo que não negam os conflitos que a heterogeneidade cultural pode gerar, chamam para o protagonismo estes mesmos sujeitos, reafirmando que conviver e ser hospitaleiro passa pelo ato de entender que a pluralidade que há no outro não nos anula, mas reafirma e reinventa o que nós somos, contribuindo assim para a fortificação de uma Educação Intercultural.

METODOLOGIA

Os modelos pedagógicos propostos pelas Pedagogias da Convivência e da Hospitalidade possuem diversos aspectos em acordo, tais como, a defesa de uma convivência democrática e o reconhecimento dos Direitos Humanos como chave para o compromisso ético da educação nos tempos atuais. Dessa forma, a metodologia aqui usada será a de análise das Pedagogias da Hospitalidade (BAPTISTA, 2005) e da Convivência (JARES, 2008), onde através da articulação desses dois campos pedagógicos, veremos as possíveis contribuições dessas duas teorias para a construção de uma educação Intercultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Vinyamata (2005), o conflito define-se como um apanhado de conhecimento e técnicas voltadas a atender os antagonismos e propor soluções pacíficas e acertadas:

A desorientação, a dissociação entre a percepção que temos de nós mesmos e do meio ao nosso redor, gera mal-estar e, conseqüentemente, conflito. Do mesmo modo, os processos de mudança, a injustiça social, os sistemas sociais violentos e muito competitivos, a falta de liberdade, a ausência de comunicação ou as deficiências que nela se produzem, as situações de desastre e de crise aguda, e a desorganização podem gerar processos conflituais (VINYAMATA, 2005, p.13).

Entretanto, apesar do conflito ser na maioria das vezes associado a aspectos negativos, ele é inerente às relações humanas sociais e de trabalho, apresentando-se tanto com pontos



positivos quanto negativos. Sendo assim, Jares (2008), considera-o uma inesgotável fonte de desenvolvimento pessoal ou social para a construção de uma convivência democrática, pois a partir das divergências de opiniões e de produção da diversidade, o contato com aquele que é visto como diferente – mediado por meio do diálogo –, poderá ser positivo, pois quanto mais se entende que a inclusão é um direito universal, mais será possível construir a emancipação e autonomia dos sujeitos perante uma educação intercultural: “todas as pessoas, todas as culturas participam inexoravelmente de outras, inclusive com relações de conflito e dominação. O ser humano é fundamentalmente multicultural e mestiço” (JARES, 2008, p.54). De modo não muito diferente, Baptista (2005), assegura que é através do acolhimento e da escuta ao outro, que será possível falar do combate à intolerância e o quietismo, que nos proporcionará uma vivência democrática atrelada à cultura da paz. Entendendo que essa paz de fato existe não somente quando as pessoas se relacionam, mas à medida que respeitam os seus espaços e também os seus silêncios (PEREIRA; SALGUEIRO, 2020, p.76)

“O mundo atual vive um período em que são exacerbados os direitos individuais ou grupais específicos” (PIERONI; FERMINO; CALIMAN, 2014, p.15), o que, segundo os autores, isso ocasiona o aumento da intolerância e conseqüentemente a naturalização do fenômeno da exclusão dos grupos considerados vulneráveis; imigrantes e refugiados; aumento das ideologias racistas; entre outros. No Brasil, por ser uma sociedade multifacetada, o estigma negativo que são impostos ao outro, não somente nas esferas educacionais, mas também em outros espaços da sociedade, evidenciam os mecanismos que promovem o ciclo de reprodução da exclusão. Desse modo, a Pedagogia da Hospitalidade e a Pedagogia da Convivência se apresentam como fundamentações potentes que visam romper com o pensamento individualista da modernidade e reafirmar que a liberdade só existe realmente, quando todos os sujeitos participam da mesma esfera de convivência que outro alguém.

Pensando nisso, usar a interculturalidade, por meio dessas pedagogias, para desenvolver novas práticas relacionais, proporcionará uma convivência, onde tais culturas diferentes, não precisem se dissolverem na cultura dominante e/ou se unir a ela. Em outras palavras, falamos de práticas relacionais, onde a coexistência das mais variadas culturas não represente a perda sobre nossos espaços ou o domínio de uma cultura sobre a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esforços em busca de uma coexistência dialogante entre as diversas culturas devem ser encarados como uma corresponsabilidade não somente das instituições escolares, mas



também do Estado e de outros espaços que constituem a sociedade, de maneira que a valorização da dignidade da pessoa humana seja concretizada mesmo em contextos de globalização e multiculturalismo. A construção de uma Educação Intercultural, visa valorizar e aprimorar as comunicações e interações com o diferente:

A educação intercultural tem de reorientar as verdadeiras prioridades para valores e atitudes. Aprender a escutar o próximo, adquirir aptidões comunicacionais com o diferente, apreciar o patrimônio cultural dos outros, descobrir o fascínio da diversidade, resistir ao autocentrismo cultural, combater o sectarismo cego, libertar-se de preconceito e de dogma redutor são tarefas ingentes da educação moderna. (PIERONI; FERMINO; CALIMAN, 2014, p. 25).

Baptista mostra que uma das grandes características da contemporaneidade é a coexistência das múltiplas heranças culturais, religiosas e filosóficas. Essa coexistência exige do educador um compromisso atrelado a “responsabilidade do herdeiro”. Sobre isso, Baptista diz: “Julgamos que é aí que reside uma das grandes tarefas da ética e da educação, a de promover o respeito em relação ao que nos pré-existe, ao que nos é dado e transmitido-ensinado.” (BAPTISTA, 2005, p. 36). Diante disso, enfatiza-se que o respeito pela dimensão cultural que há em cada indivíduo começa pelo modo que valorizamos esse indivíduo. Os modelos Pedagógicos de Hospitalidade e de Convivência, se tornam essenciais, para que a valorização da dimensão cultural de cada sujeito seja respeitada, pois somente ela garante que a entrada do outro no nosso espaço, aconteça sem desconfiança e medo, onde sua bagagem com sua vivência seja vista não como um obstáculo pedagógico, mas como uma nova possibilidade de enriquecer os nossos espaços e contribuir para uma convivência democrática.

Dessa forma, a Pedagogia da Hospitalidade e a Pedagogia da Convivência se apresentam como fundamentações potentes que podem auxiliar no processo de rompimento com o pensamento individualista da modernidade. O sociólogo Richard Sennet (2012), ao falar sobre os modos de cooperação, mostra que a sociedade moderna debilitou a cooperação à sua maneira, onde os sujeitos acabam perdendo a capacidade de lidar e conviver com as diferenças, se reduzindo a práticas e relações Tribalistas. Falamos de uma modernidade, onde o individualismo tem extenuado as práticas de convivência, limitando assim as práticas de acolhimento. Surge-nos então, o desafio de romper com o muro da individualidade e construir laços de proximidade, para que o ato de "estar, fazer e ser" com o outro seja autêntico.

Portanto, torna-se fundamental a continuidade dos debates sobre a temática da convivência, hospitalidade e interculturalidade. Desenvolver esses pontos tanto na formação



humana para as relações sociais, quanto na formação acadêmica, pode ser um dos caminhos para que essas temáticas estejam presentes em espaços plurais da sociedade, ficando, assim, mais próximos da construção de espaços democráticos no qual o diálogo poderá proporcionar uma convivência democrática e interacional, a fim de construir uma sociedade baseada nos direitos humanos, na cultura de respeito diante das diversidades culturais.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Isabel. Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético. Porto, Portugal: Profedições, 2005.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

_____. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. *Organização das Nações Unidas* – ONU, 1948. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2020.

FLEURI, R. M. Educação intercultural: a construção da identidade e da diferença nos movimentos sociais. *Perspectiva*, Florianópolis: Núcleo de Publicações/CED/UFSC, v. 20, n. 2, p. 405-423, 2002.

JARES, Xesús R.. Educação para a Paz: sua teoria e prática. Porto Alegre, Artmed, 2002.

_____. Educar para a paz em tempos difíceis. São Paulo, Palas Athena, 2007.

_____. Pedagogia da Convivência. São Paulo, Palas Athena, 2008.

PEREIRA, Débora Simeão Ortman; LOPES, Lucas Salgueiro. CONVIVER REQUER HOSPITALIDADE: pensando modelos de práticas socioeducativas a partir dos diálogos entre as Pedagogias da Hospitalidade e da Convivência. In: FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simão (Org.). Educação, Hospitalidade e Pobreza. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

PIERONI, Vittorio; FERMINO, Antonia; CALIMAN, Geraldo. Pedagogia da alteridade: para viajar a Cosmópolis. Brasília: Liber Livro, 2014.



aprendizado
nas e sob as
as práticas
de pesquisa

VIII ENALIC

EDUCAÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

7 A 11 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2526-3234

SENNETT, Richard. Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. tradução:
Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Record, 2012.

VINYAMATA, Eduard. Aprender a partir do Conflito: Conflitologia e Educação. São Paulo:
Artmed, 2005.